

ANAIS
II ENCONTRO NORDESTINO DE ESTUDOS TRADICIONAIS
(ENET) E I ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS
TRADICIONAIS (EBET)

"FÉ E POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE"

Auditório da Geografia / CCHLA - UFRN, 19 e 20 Abr 2017



APOIO



Anais do II Encontro Nordestino de Estudos Tradicionais (ENET) e I Encontro Brasileiro de Estudos Tradicionais (EBET), 19 e 20 de Abril de 2017, UFRN, Natal - RN.

APRESENTAÇÃO

O I Encontro de Estudos Tradicionais (ERET) ocorreu em João Pessoa - PB, em 2015, organizado por mim nas dependências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O ERET fora pensado no formato dos Encontros Evolianos, que reuniu cientistas de estudos tradicionais, tradicionalistas, filósofos, religiosos e geopolíticos para discutir assuntos que tivessem relação com esse conjunto de disciplinas e conhecimentos que são usualmente desprezados no meio acadêmico, mas que ganham enorme destaque no mundo real com a escrita de milhares de páginas todos os dias.

Os estudos tradicionais envolvem assuntos como a filosofia do ponto de vista da existência, a filosofia que se conecta à religião, a geopolítica como ciência tradicional que perpassa inclusive a relação homem - meio e o terreno do sagrado, dentre outros. O objetivo era organizar um evento no modelo acadêmico mas trazendo autores esquecidos no meio universitário para embasar discussões no campo da religião, da filosofia e da geopolítica, especialmente em suas interrelações através das ciências tradicionais. Outro propósito era refletir acerca de uma visão nordestina de país e de mundo, bem como a reverberação do espaço do sagrado nesta escala regional.

Em 2017 o evento passa a ganhar também uma edição nacional com o I Encontro Brasileiro de Estudos Tradicionais (EBET). Realizado no Campus de Natal da UFRN, o ERET/EBET esteve distribuído em atividades como os Grupos de Discussão para os trabalhos apresentados, e que originaram os presentes Anais de Evento. Tivemos ainda a Conferência de Abertura com o pastor luterano Volmar Herbertz/IELB sobre os 500 anos da Reforma Protestante; o Encontro com o Leitor com dois autores nordestinos expondo suas ideias e obras (Prof Dr. Ivanaldo Santos/UERN e Cel. Aviador MSc Carlos Eduardo Valle Rosa), e três Mesas-Redondas: FÉ E POLÍTICA (Prof Dr. Tassos Lycurgo Galvão Nunes /UFRN, Sheik Muhamad Taufik /Associação Muçulmana do RN e Abdoul Hadi Savadogo / PPGCS-UFRN); FILÓSOFOS DO ANTI ILUMINISMO (Prof. Renan Maia e Prof. MSc Carlos Bezerra de Lima Júnior); e MISSÃO INTEGRAL: DOCTRINA E APLICAÇÃO (Douglas Lamp / Servindo aos Pastores e Líderes - SEPAL, Danilo Duarte / Agência de Desenvolvimento para Povos Não Alcançados e Prof. Bruno Gomes / PPGGe-UFRN).

Para as próximas edições do evento cogita-se a possibilidade de organização do ERET / EBET em eventos simultâneos em diversas cidades nordestinas, esperando melhor atender as demandas estaduais por debates no campo de estudos tradicionais e a formação de redes de pesquisadores e extensionistas nesta área.

Prof. Dr. Dídimo George de Assis Matos

Sumário

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DO CHOKE POINT DE NATAL

Edu Silvestre de Albuquerque p. 04

SOBERANIA, DIREITOS HUMANOS FUNDAMENTAIS E CONSTITUIÇÃO

Jesus Romersson Rousseau A. F. de Medeiros p. 05

O DISTRIBUTIVISMO E OS PARTIDOS POLÍTICOS CRISTÃOS DO BRASIL

Igor Silvestre dos Santos

Carla Mirelly Caetano Duarte p. 06

A GEOPOLÍTICA E A VIOLÊNCIA MILITAR NA ANTIGUIDADE: O IMPÉRIO ASSÍRIO

Beatriz Maria Soares Pontes p. 07

O TEMPLO DE SALOMÃO COMO ESPAÇO SAGRADO

Carla Mirelly Caetano Duarte

Igor Silvestre dos Santos p. 09

O REINO DE DEUS

Vildclei Medeiros p. 11

O NEOLIBERALISMO E O ADVENTO DOS CALL CENTERS NO BRASIL: O RETRATO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Marcela Albino do Nascimento

Aldeize Bonifácio da Silva p. 12

NOTAS SOBRE A ORIGEM DO CONHECIMENTO NO PENSAMENTO DE KANT

Pablo Giorgio Costa de Sousa Lima p. 13

GEOPOLÍTICA AEROESPACIAL

Carlos Eduardo Valle Rosa p. 14

A CRUCIALIDADE DO NACIONALISMO

Tiago Pinheiro de Araújo Silva p. 15

O ESPAÇO PARA OS SINAIS: A IMPORTÂNCIA DAS MISSAS DE CURA E LIBERTAÇÃO NA CIDADE DO NATAL

André Ferreira p. 17

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DO *CHOKE POINT* DE NATAL

Edu Silvestre de Albuquerque

Doutor em Geografia e Docente do DGE / UFRN

edusilvestre@ufrnet.br

A porção mais oriental do território sul-americano é também conhecida como Saliente ou Promontório Nordestino porque se projeta como plataforma continental pelo Atlântico e África Ocidental. Desse conjunto geográfico, destacamos no presente estudo a posição estratégica da cidade de Natal, que apresenta quatro fases ao longo da história: a primeira data do final do séc. XVI, quando a Fortaleza dos Reis Magos é edificada na barra do Rio Grande (Potengi) para proporcionar maior segurança ao avanço lusitano para o Oeste do continente e reforçar a segurança marítima no combate aos corsários. A segunda, engloba as primeiras décadas do séc. XX, quando a aviação comercial transatlântica insere Natal nas rotas internacionais. A terceira ocorre a partir da instalação da base norte-americana durante a II Guerra Mundial, servindo de apoio logístico para as operações aliadas no Norte da África e na Europa. Finalmente, a quarta fase é representado pela ampliação física e de missões da Base Aérea de Natal (BANT) e da Base Naval de Natal, no escopo da nova estratégia de defesa brasileira, e que fazem desta cidade um dos mais importantes *choke points* brasileiros.

Concluimos que a importância estratégica da cidade de Natal permanece em razão de sua localização quase defronte à Dakar (Senegal) e no ponto de maior estreitamento do Oceano Atlântico. No plano estratégico-militar o poder aéreo se destaca, sobretudo quando articulado à missões de salvamento e patrulhamento da Marinha. Mas essa vantagem de posição não pode ser explorada na mesma magnitude em termos de poder naval diante das limitações físicas de operação da Marinha de Guerra no porto de Natal (estreitamento das margens e pouca profundidade do canal).

Palavras-chave: Atlântico Sul. *Choke Point*. Defesa Nacional.

SOBERANIA, DIREITOS HUMANOS FUNDAMENTAIS E CONSTITUIÇÃO

*Jesus Romersson Rousseau A. F. de Medeiros
Discente Lic. Geografia / UFRN
rousseau060@gmail.com*

Tanto a Fé quanto a Política constituem-se em temas extremamente desgastados frente a uma parcela expressiva da sociedade, ao menos àquela que não se beneficia das mesmas. Contudo é importante frisar um aspecto constitutivo e similar dos mesmos: a soberania. Na Fé esta é de certo modo aceitável, pois existe a crença de que há O DEUS SOBERANO, que tudo governa. Por outro lado, os filósofos iluministas Montesquieu, Hobbes e Rousseau, para citar alguns, também trazem à tona aspectos do Poder Soberano. A ideia mais aclamada de Montesquieu é a questão da separação dos poderes por uma parcela da doutrina do direito; Hobbes na obra o Leviatã trata também da ideia de soberania, mas distintamente, a insere em vários tipos de Estados Soberanos. E Rousseau destaca a dimensão contratualista da sociedade, onde para uma boa convivência social seria necessário a constituição de um pacto social.

O que se coaduna nessas reflexões sobre o Estado é o fato da necessidade de cooperação entre todos os cidadãos para o bom convívio social. A máxima cristã do "fazei ao próximo o que querias que te fizessem" também aplica esse princípio de uma sociedade fundada na cooperação. O problema da política consiste no fato da incompreensão de suas regras por boa parte da sociedade, que tem uma certa ojeriza para com a política pelo fato de a mesma ser traduzida apenas como aquele pequeno período de tempo que antecede às eleições. A política trata da questão da soberania, algo ausente nos valores e atitudes de nossos representantes do povo, ainda que represente objetivo essencial na Constituição da República Federativa do Brasil.

Sem soberania, perdemos a perspectiva de um futuro melhor para todos, e torna inútil a política brasileira contemporânea representada, no alto escalão, por pessoas que se revestem mormente de um poder que não lhes pertence.

Contemporaneamente, a ênfase no individualismo que rege o Liberalismo traz sérios problemas ao modelo do Contrato Social e até mesmo ao conceito de Soberania, abalando os próprios alicerces morais (e não apenas teológicos) da sociedade.

Palavras-chave: Política. Soberania. Sociedade.

O DISTRIBUTIVISMO E OS PARTIDOS POLÍTICOS CRISTÃOS DO BRASIL

*Igor Silvestre dos Santos
Acadêmico de Geografia/UFRN
silvestrigor@gmail.com*

*Carla Mirelly Caetano Duarte
Acadêmica de Geografia/UFRN
carladuarte.cmcd@gmail.com*

Este resumo analisa o programa dos partidos cristãos reconhecidos no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em relação à doutrina distributivista, esta nascida como uma alternativa aos sistemas Capitalista e Socialista. O Distributivismo é um movimento de origem anglo-católica nascido das proposições de Gilbert Keith Chesterton e Joseph Hilaire Pierre René Belloc, que eram defensores da fé cristã. Esse pensamento socioeconômico é baseado na distribuição da propriedade privada ao maior número possível de famílias, ou seja, essas passam a ser donas dos meios de produção. Com isso, a propriedade privada não estaria sob o domínio de poucos (oligopólios capitalistas) ou dominados pelo Estado (monopólio estatal socialista).

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, existem três partidos que se intitulam como Cristãos, dos trinta e cinco existentes, são eles: o Partido Trabalhista Cristão (PTC), o Partido Social Cristão (PSC) e o Partido Social Democrata Cristão (PSDC). O PTC não disponibiliza o programa em seu site, nem respondeu a nosso contato por mensagem eletrônica. Nos programas do PSC e do PSDC não identificamos nenhuma influência do pensamento distributivista. No programa do PSC fala-se genericamente em "incentivar o aumento da produção e da produtividade, assim como a justa e equitativa distribuição da renda e da riqueza nacional". A mesma generalidade aparece no programa do PSDC: "Promover o desenvolvimento econômico do país segundo critérios que tornem possível a realização da justiça social e a equilibrada distribuição dos frutos do progresso, entre todos os brasileiros". Dessa forma, conclui-se que os partidos cristãos brasileiros não aplicam a doutrina distributivista, continuando a reproduzir o modo capitalista de produção, e prometendo uma "distribuição de renda" que, entretanto, não passa pela redistribuição da propriedade para o desenvolvimento da economia familiar.

Palavras-chave: Distributivismo, Partidos Cristãos do Brasil.

Referências

<http://www.justicaeeleitoral.jus.br/arquivos/tse-programa-psc>

<http://www.psd.org.br/sobre-nos/programa/>

NASCIMENTO, Rhuan Reis do. **O distributismo de Chesterton e Belloc**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio+(Ramon Llull), 2016.

A GEOPOLÍTICA E A VIOLÊNCIA MILITAR NA ANTIGUIDADE: O IMPÉRIO ASSÍRIO

Beatriz Maria Soares Pontes
Doutora em Geografia / UFRN
beatrizmariasoaresh@ig.com.br

A violência militar depende decisivamente dos meios de destruição disponíveis, da organização das forças em presença e da logística. Os Assírios constituíram um povo marcado pela ambição, além de uma violência extrema. Povo guerreiro e cruel. Para os Assírios não bastava a conquista passageira de amplos territórios. O objetivo residia, na incorporação definitiva das regiões conquistadas pelo Estado assírio. O desenvolvimento e a atividade do Exército assírio proporcionaram, em todo o Oriente Próximo, um clima de terror e medo, devido à sua brutalidade. Esse clima influenciou diretamente os Estados menores. Israel sentiu o impacto devastador desse Exército diretamente e a violência e opressão dentro desse Estado devem ser observadas, também, como resultado do imperialismo assírio. A cultura bélica que a Assíria impunha sobre seus subordinados, reforçava o empobrecimento e a opressão da nação. A manutenção do Exército, além dos tributos cobrados não eram tirados dos grandes latifundiários, mas eram jogados sobre o povo, principalmente os camponeses. As possibilidades de Israel escapar das mãos dos Assírios eram quase nulas, devido à ambição dos governantes assírios alcançarem o Egito.

Os Assírios aparecem como fundadores de um império, no qual os protetorados e os reinos tributários foram praticamente substituídos por rigorosa organização de províncias controladas diretamente pelo poder central. No campo estratégico, trouxeram inovações: iniciaram a transferência dos povos conquistados entre as províncias, em impressionantes caravanas de milhares de exilados, com a finalidade de desarraigar qualquer sentimento nacionalista. Entretanto, para esse objetivo, era necessário um plano de ação, um projeto político-militar. O pressuposto principal para essa finalidade, residia na organização de um governo centralista e extremamente enérgico. Enérgico e violento são palavras que resumem bem o império Assírio. Por trás de seu crescimento estava evidenciada uma obra de servidão, realizada com meios e métodos de brutalidade e selvageria que excediam qualquer qualificação. Parece que esse sentimento selvagem era motivo de glória.

O rei, figura principal nessa organização de comando, apresentava-se como o próprio representante de sua divindade, isto é, o Deus imperial de Assur. Esse rei à frente de um imenso exército de funcionários civis e militares, exigia-lhes que prestassem contas da mesma forma que ele a Deus. O soberano assírio era o realizador, na primeira pessoa das destruições e dos extermínios desejados pelos

deuses. Os Assírios desejavam ser lembrados como homens cruéis, sendo vistos com a marca da brutalidade e, por isso, consideravam-se o braço da potência destruidora que era o Deus Assur, o Deus da guerra e, se viam como a mais pura expressão terrena de duas outras terrificantes divindades, a Ninurta e Adad, conhecidas pelo seu caráter altamente belicoso. Assim, o avanço do Exército Assírio significou para todas as pessoas, o jugo impiedoso ou a destruição total. A Assíria não admitia aliados porque só ela deveria dominar em todo o mundo conhecido.

Palavras-chave: Violência Militar. Império Assírio. Antiguidade.

O TEMPLO DE SALOMÃO COMO ESPAÇO SAGRADO

*Carla Mirelly Caetano Duarte
Acadêmica de Geografia/UFRN
carladuarte.cmcd@gmail.com*

*Igor Silvestre dos Santos
Acadêmico de Geografia/UFRN
silvestrigor@gmail.com*

Com o objetivo de construir um espaço para adoração a Deus, o rei Salomão (971 A.C até 932 A.C), depois de 4 anos de reinado, iniciou a construção de um templo, sob conselho de Hirão, rei de Tiro, alegando ser um desejo de seu pai o rei Davi. Este último não construiu o templo por ser homem de guerra, que muito derramou sangue dos inimigos dos hebreus (2 Crônicas 28:3). As dimensões do templo prescritos sob orientação divina eram: 20 m de comprimento, 9 m de largura e 13,5 m de altura. Suas principais partes eram: o vestíbulo ou pórtico; o salão principal ou lugar santo, e o lugar santíssimo. Seu trabalho durou 7 anos (1 Reis 6:37-38) e foi considerado uma obra grandiosa. Com o apoio de Hirão, Salomão enviou 30 mil homens para o Líbano com o intuito de recolher madeiras, e mandou outros 80 mil homens para cortar pedras e 70 mil para carregá-las (1 Reis 5:13-7).

Para o povo de Israel, o Templo de Salomão era seu espaço sagrado, construído para abrigar a Arca da Aliança, que representa a presença de Deus, assentada no Lugar Santíssimo, debaixo das asas dos querubins. De acordo com Rosendahl (2002, p.30) define "O Espaço Sagrado como um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada %deuses+ nas religiões politeístas e %Deus+ nas monoteístas."

A confirmação do templo de Salomão como espaço sagrado está descrita em 1 Reis 6:13, onde Deus fala para Salomão %viverei entre o meu povo de Israel neste Templo que você está construindo e nunca os abandonarei+ (BÍBLIA..., 2016). Nele os hebreus faziam seus sacrifícios e sentiam-se mais próximos do Criador. Desde sua inauguração o templo tornou-se local de grandes multidões vindas do país inteiro, desde a subida de Hamate, no Norte, até a fronteira do Egito, no Sul. Uma jornada de sacrifício pessoal que se unia ao ritual do sacrifício no contexto do sagrado.

Palavras-chave: Espaço Sagrado. Templo de Salomão. IURD.

Referências

BÍBLIA THE WAY É O Caminho. Tradução Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ROSA, Luiz da. **Por que o primeiro templo de Israel foi destruído?** Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=1700>. Acesso em: 28/03/2017.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. 92p. Coleção Geografia Cultural.

O reinado de Salomão. Cronologia Bíblica. Disponível em: <https://cronologiadabiblia.wordpress.com/2011/01/26/o-reinado-de-salomao/>. Acesso em: 28/03/2017.

O REINO DE DEUS

Vildclei Medeiros

Assembleia de Deus - IEADERN

vildcleimedeiros@gmail.com

Nos textos dos teólogos Warren W. Wiersb e Jeremias do Couto depreendemos que o domínio de Deus através da implantação de seu Reino entre os homens é a única solução para uma sociedade absorta na infelicidade. A grande massa da sociedade vive alucinadamente em busca da tão sonhada felicidade, centrando suas buscas nas coisas terrenas. No célebre sermão de Jesus conhecido como "Sermão da Montanha. As beatitudes" (Mateus 5-7), ele profere uma série de afirmativas sobre os *Makários*, palavra grega que no Novo Testamento define os felizes.

A proposta do presente artigo é mostrar que a implantação do Reino de Deus em nossa corrompida sociedade poderá mudá-la. A mudança acontecerá como fruto de uma reflexão sincera e de uma introspecção dos padrões estabelecidos por Jesus e, além disso, através de uma análise minuciosa de suas palavras.

O texto do Sermão da Montanha é um tanto paradoxal, pois Jesus chama apenas alguns de bem-aventurados em sua dissertação de felicidade, e isso deixa a nossa mente ocidental confusa. Algumas perguntas surgem a nossa mente: Como posso ser feliz se sou pobre? Como posso ser feliz e ao mesmo tempo chorar? Como posso ser feliz sendo manso em um mundo tão violento onde no mínimo preciso me defender? Como posso ser feliz tendo fome e sede de Justiça? Como posso ser feliz sendo exigido de mim misericórdia em um mundo individual e egoísta? Como posso ser feliz com um coração limpo diante de tamanha afronta à família e moral cristãs apresentada nos programas de TV que só me possibilitam a prostituição? Como posso ser feliz promovendo a paz quando a guerra é corriqueira no sistema internacional? São perguntas um tanto intrigante não são?!

Se o Reino de Deus fizer parte da mente de uma pessoa e do cerne de uma sociedade ele poderá transformá-la completamente. Se esta fome e sede de Justiça invadir o nosso íntimo ela não nos permitirá a tolerância com a falta de integridade e retidão de nossos políticos em nossa sociedade. Começemos mudando a nós mesmos. Não procuremos integridade somente em Brasília. Se experimentarmos a misericórdia de Deus contida nesse texto de Mateus, não esperaremos por algum salvador político a resolver a dor do próximo, estaremos constantemente incomodados com a aflição do outro e as injustiças sociais, sem quaisquer interesses pessoais.

Palavras-chave: Moral. Religião. Política.

O NEOLIBERALISMO E O ADVENTO DOS CALL CENTERS NO BRASIL: O RETRATO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Marcela Albino do Nascimento
Discente do Curso de Geografia / UFRN

Aldeize Bonifácio da Silva
Discente do Curso de Geografia / UFRN
aldeizebs@hotmail.com

O avanço do modo de produção capitalista alicerçado pela ideologia neoliberal tem causado sérias transformações e implicações no mundo do trabalho. Nesta perspectiva, objetiva-se compreender a dinâmica das relações trabalhistas na contemporaneidade a partir do setor de serviços, que vem aumentando sua participação relativa na geração de emprego e de riquezas. Análise que tem como objeto de estudo o setor de teleatendimento brasileiro, que vem apresentando um crescimento significativo, principalmente a partir de 2005, e que tem sua gênese na privatização do setor de telecomunicações na década de 1990, representando o mais autêntico retrato da precarização das relações de trabalho no contexto neoliberal. Discutimos parte dos resultados preliminares obtidos à partir de uma pesquisa em andamento para a elaboração do trabalho de conclusão de curso de Geografia, do Departamento de Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sobre os *Call Centers* na Região Metropolitana de Natal e suas repercussões no mercado de trabalho local.

Para tanto, recorreu-se à pesquisa bibliográfica e documental sobre a realidade e implantação dos *Call Centers* no Brasil, e as relações trabalhistas referentes ao setor de serviços no contexto neoliberal. Os resultados preliminares obtidos nessa fase da pesquisa demonstram a importância crucial das políticas neoliberais para a expansão do setor, assim como, para a emergência de novas intencionalidades no que concerne a este mercado de trabalho e as formas de relações empregado-empregador estabelecidas, que perpassam a flexibilização das leis trabalhistas e resultam na precarização e desumanização do trabalho.

Palavras-Chave: *Call Centers*. Neoliberalismo. Trabalho.

NOTAS SOBRE A ORIGEM DO CONHECIMENTO NO PENSAMENTO DE KANT

Pablo Giorgio Costa de Sousa Lima

Graduado em Direito

pablogcsi@gmail.com

O presente estudo tem como objetivo apresentar alguns argumentos acerca da origem e dos limites do conhecimento humano de acordo com o pensamento epistemológico kantiano, especialmente à luz da Introdução da Crítica da Razão Pura.

Para isso demonstraremos como a obra crítica se compromete apenas com a epistemologia, na medida em que os objetos só podem ser representados em acordo com as condições cognitivas do sujeito do conhecimento.

Palavras-chave: Filosofia. Conhecimento. Kant.

GEOPOLÍTICA AEROESPACIAL

Carlos Eduardo Valle Rosa

Cel. Aviador Res. da Força Aérea Brasileira

eduvale80@hotmail.com

Os estudos tradicionais de Geopolítica enfocaram, desde suas origens, a prevalência do *“poder marítimo”* e do *“poder terrestre”*, principalmente a partir das contribuições de Alfred T. Mahan e Halford J. Mackinder.

Mesmo no Brasil, Golbery do C. e Silva, Therezinha de Castro ou Carlos de Meira Mattos dirigiam as atenções para as questões de integração do território nacional, para a importância da Amazônia, da Antártida e do litoral brasileiro, mais recentemente intitulado de *“Amazônia Azul”*.

O presente ensaio busca agregar aos estudos tradicionais de Geopolítica a dimensão aérea e espacial, convencionada pela expressão Poder Aeroespacial, como uma fundamental componente do Poder Nacional, extrapolando a dimensão unicamente militar do termo.

A partir da contribuição das ideias originárias de Giulio Douhet e William L. Mitchell, o ensaio analisa a contribuição das obras desses autores à realidade nacional. Os resultados da pesquisa apresentam-se como forma de contribuição para um debate geopolítico que incorpore as dimensões aérea e espacial no âmbito dos estudos dessa relevante área de pesquisa da Geografia.

Palavras-chave: Geopolítica. Poder Nacional. Poder Aeroespacial.

A CRUCIALIDADE DO NACIONALISMO

Tiago Pinheiro de Araújo Silva
Acadêmico de Ciências Sociais da UFRN
tiagopas100@gmail.com

O Nacionalismo em seu sentido metafísico é muito mais antigo que o próprio termo. Essa ideologia é uma viva manifestação cultural e comunitária seguindo elementos orgânicos que precedem nossa condição como espécie, ou seja, nosso elo de coletividade. Para entender isso, deve-se tomar nota das primeiras organizações humanas do mundo e perceber que o espírito de sobrevivência era amplamente presente em todas as esferas (religiosa/política) e que para manter a existência do grupo recorriam a medidas como o capacitismo e entre outras.

As primeiras sociedades se configuram a partir da relação natural de sobrevivência, portanto, formadas a partir da relação coletivo-meio existente. Toda a criação da natureza respeita uma lógica que embasa sua estrutura material e sua função, da mesma forma, tudo que o homem cria pode ser entendida também como algo natural. A vida social é mais complexa e possui mais variáveis, mas isso não a torna indissociável dos fenômenos naturais que ordenam a natureza. Sendo assim, a construção da vida social humana também pode estar dentro da natureza quando segue tal lógica.

O equilíbrio é o elo de coletividade, no qual o meio que os indivíduos vivem exigiu sua formação e é mantido pelas instituições sociais seja para sua estagnação ou manutenção. Como dizia Arthur Keith (1947, p. 76): "A natureza humana, conforme manifestada no Tribalismo e no Nacionalismo, cria as condições propícias para a evolução humana"

As interações tribais e comunitárias propiciaram o desenvolvimento antropológico que pode beneficiar a própria coletividade, dependendo do meio social e sua relação com o ambiente. Casos claros são a bigamia que possibilitou o aumento populacional e reposição acelerada de membros para a tribo, e em outros momento a monogamia que possibilitou melhor proteção parental. Ambos os casos ressaltam a importância do elo de coletividade, que proporciona às instituições a estabilização da sociedade.

As Genos () da sociedade grega no período homérico são pequenas comunidades agrícolas autosuficientes integradas na Comunidade Gentílica, nas genos. Os bens econômicos estavam sob o controle do chefe comunitário, chamado pater, que exercia funções religiosas, administrativas e jurídicas; e também estavam edificadas nas relações familiaristas e de parentesco. Mas a partir do aumento to populacional não acompanhou o desenvolvimento agrário, quando então se viu necessário a divisão de terras para os ditos "bem nascidos" da aristocracia, surgindo a Fátia. Isso foi um caso de fundamentação e evolução das sociedades comunitárias. Em certo sentido, a Polis seria o embrião da ideia de comunidade

geográfica ou nacional. O nacionalismo em essência nada mais é que uma condição natural e necessária do comportamento humano.

O passado inspira, o futuro motiva, o presente transpira. O nacionalismo nasce do amor próprio, da autoaceitação e do orgulho de si mesmo. É descobrindo sua própria identidade que as pessoas conseguem se identificar com os outros, pois veem nos outros a si mesmos. Para isso se faz necessário o conhecimento do passado, um passado heroico de grandes homens que lutaram por justiça.

O nacionalismo é o comprometimento com os Ideais coletivos. Quando se valoriza a cultura, os costumes, a história e a tradição de um povo, gera-se respeito pelo passado, compromisso com o presente e esperança no futuro. Sem o sentimento do nacionalismo as pessoas se tornam mais individualistas, mais egoístas, mais fechadas em si mesmas. Com isso, podemos compreender conforme Giuseppe MAZZINI que "As nações são os indivíduos da humanidade".

Com o nacionalismo as pessoas tendem a sobrepor os interesses coletivos sobre o interesse individual ou de grupos, porque conseguem se enxergar como uma unidade histórica. O nacionalismo desperta um sentimento de comunidade, de coletivismo, e de amor a nação. Já o deturpado termo "chauvinismo" traduz-se em menosprezar o estrangeiro e provocar um sentimento de superioridade. São expressões completamente diferentes.

Entretanto, o nacionalismo não resume-se apenas a relações de orgulho e amor, é preciso entrar na realidade econômica e geopolítica para compreender as posições do nacionalismo a respeito destes campos.

O fator soberania está induzido para fortalecer os interesses nacionais em oposição a conduta de Estados e Organismos Internacionais cuja intenção é cobiçar nossas riquezas e impor medidas que influenciam nosso campo econômico e político. A defesa de estatais, indústrias, moeda e recursos naturais são pilares estratégicos para o desenvolvimento econômico, e fazem parte da campanha de uma posição nacionalista para adquirir autonomia e independência econômica.

Palavras-chave: Nacionalismo. Comunidade nacional. Soberania nacional.

Referências

ARISTÓTELES. Política. Brasília: EdUnB, 1995.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 23 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

BONAVIDES, Paulo. Ciência política. 10 ed. São Paulo: Malheiros Editores, 1994.

CLÁUDIO, Vicentino; DIRIGO, Giampaolo. História: Geral e do Brasil. 1 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2012.

KEITH, Arthur. Evolution and Ethics. G. P. Putnam's sons, 1947.

MAZZINI, Giuseppe. The Duties of Man and Other Essays. London: E. P. Dutton & co., inc, 1915.

O ESPAÇO PARA OS SINAIS: A IMPORTÂNCIA DAS MISSAS DE CURA E LIBERTAÇÃO NA CIDADE DO NATAL

André Ferreira

Acadêmico de Geografia da UFRN

ferreiraandreuf@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo realizar uma discussão acerca das realizações das Missas de Cura e Libertação em igrejas católicas da cidade de Natal (RN). Esses espaços sagrados localizados na capital do estado, tem em suas práticas e funcionalidades atraído grande número de fiéis de todo o estado, em busca do encontro com o sagrado.

Buscamos compreender as dinâmicas espaciais desse espaço sagrado, já que a dimensão territorial permeia os fenômenos da religião e religiosidade. Esses espaços sagrados tem alcançado grande representatividade na vida dos fiéis, sobretudo daqueles que buscam um milagre ou alívio para seus anseios.

Numa matriz analítica crítico-reflexiva pretendemos mostrar no decorrer do texto as quatro mais importantes missas realizadas na cidade. As missas das Paróquias de Neópolis e do Parque das Dunas, e as missas de São Miguel Arcanjo e do Padre Edimilson, estas últimas realizadas na Catedral Metropolitana de Natal.

Portanto, ao descortinarmos as relações com o sagrado, relações de pertencimento e fé, notamos a importância da instância espacial no deslocamento de fiéis, e ainda no desenvolvimento comercial no entorno dos templos. Para tanto, realizamos consultas em diferentes autores, por meio de livros e artigos científicos, e a sites especializados, com o propósito de aprofundar o assunto abordado.

Palavras-chave: Sagrado. Missas de Cura e Libertação. Fé.